

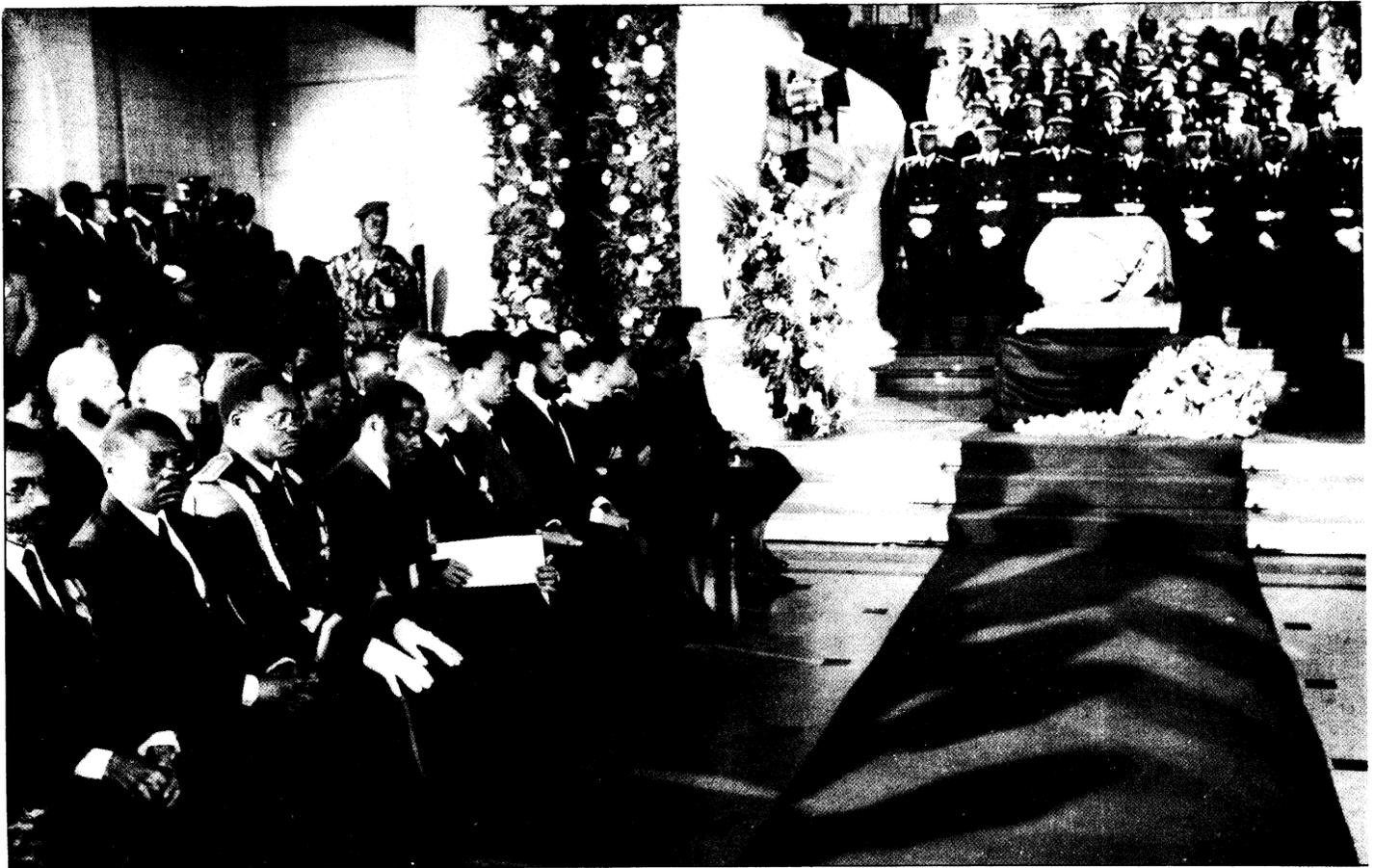


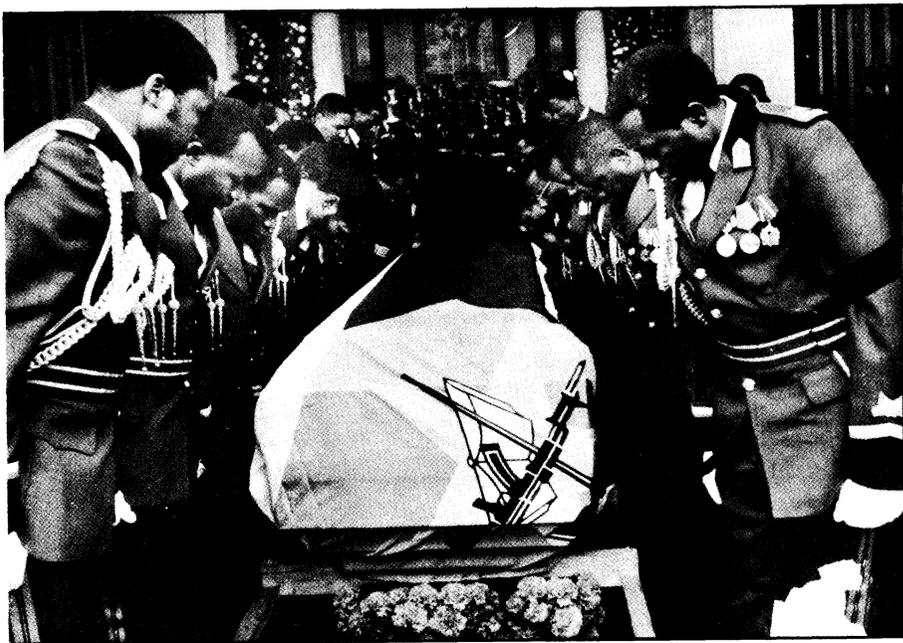
**Povo que chora  
é povo que ama**



Uma menina dos seus nove/dez anos, camisola branca e saia escura, num repente irrompe em choro convulsivo. A seu lado, uma senhora do protocolo puxa-a para si, tenta confortá-la, acaricia-lhe o rosto e encosta-a ao seu peito. A criança não consegue reter as lágrimas nem conter os soluços. Não consegue controlar a emoção: Ali mesmo na sua frente, a escassos cinco metros, o armão que transportava a urna com os restos mortais do Pai da Nação moçambicana acabava de se imobilizar. Dentro de instantes, iria ser colocada, para to-



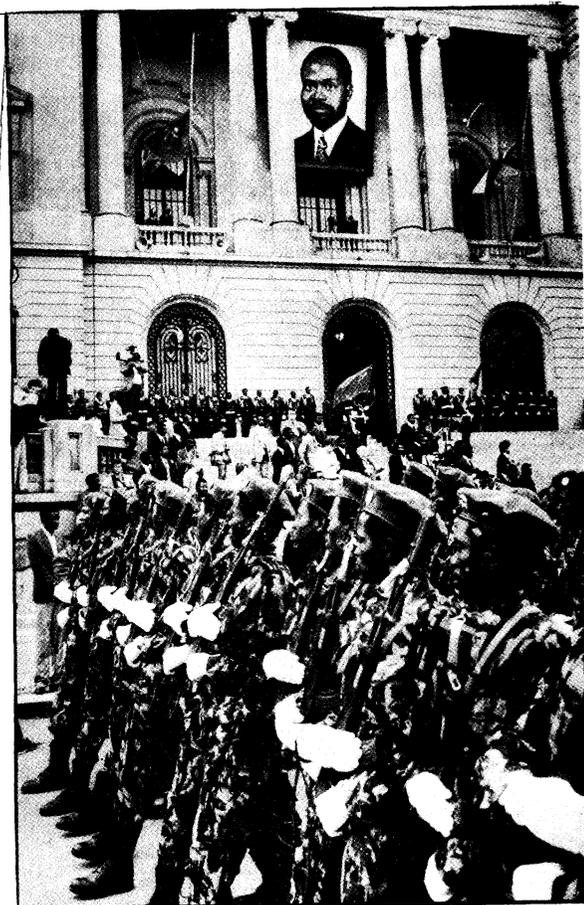


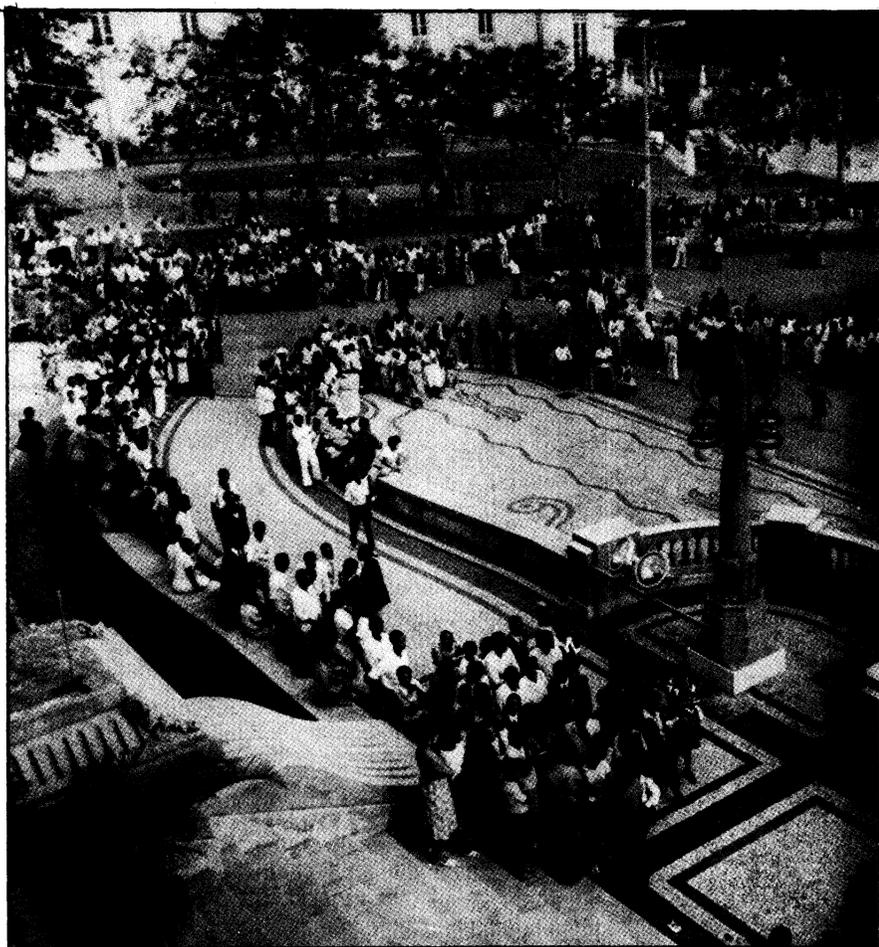


do o sempre, no local onde repousa já toda uma plêiade de Heróis, razão de ser da nossa existência como Povo, como Nação.

O choro desta criança, era o choro repetido de tantas outras crianças que, naquela manhã triste e chuvosa, carregada de luto e carregada de silêncio, ali em círculo na Praça dos Heróis não conseguiam conter lágrimas de dor, lágrimas de saudade já, pela morte prematura daquele a quem se haviam habituado a chamar de Papá Samora.

O choro destas crianças, era também o choro repetido de tantas mulheres e homens prostrados ao longo do último percurso por onde transportaram Samora Machel. Era um choro de dor e de saudade, mas era também um choro de ódio e de raiva àqueles que não podendo



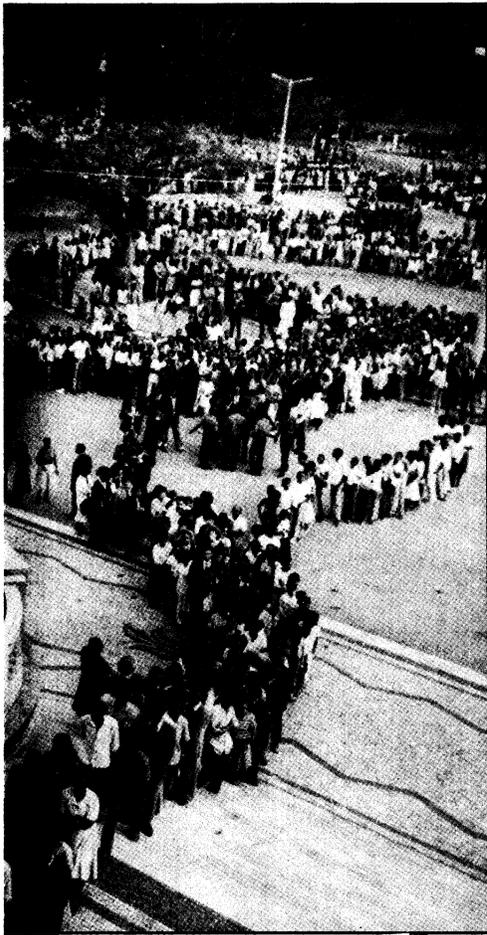


compreender a sua luta pela paz e igualdade entre os homens o eliminaram fisicamente. Como se o pensamento de um homem se pudesse cortar a golpes de catana, como se fosse possível eliminar a História já escrita, como se fosse possível ignorar a vontade e a força de um povo, que é a vontade e força de muitos povos.

O choro de tantas mulheres e homens, era

também o choro de Marcelino dos Santos que, ao proferir o elogio fúnebre daquele que não nos ensinou a chorar, não conseguiu suportar a emoção, deixando que lágrimas e a voz embargada contagiassem a Praça da Independência. Lágrimas que escorreram dos olhos de muitos dos convidados estrangeiros, lágrimas que brotaram dos olhos do cidadão anônimo, lágrima







mas que rebentaram nos olhos daquelas jovens do Destacamento Feminino e as obrigaram, por momentos, a destroçar da impecável formatura.

Mas, ao choro de tantos, neste dia em que para muitos foi o da confirmação de que a vida de Samora Machel já era História, juntou-se o choro, o pesar, o respeito, a saudade, de tantos e tantos outros que ao longo dos dias de velório disseram com a sua presença, disseram com a sua atitude de silêncio, disseram com voz ciciada e olhar triste, como amavam e como queriam a Samora.

Nestes dias dramáticos, a cidade capital e com ela o país inteiro, viveram num profundo e respeitoso silêncio. Um silêncio por vezes difícil de suportar, um silêncio que era também ansiedade, incerteza, dúvida. «Mas será verdade? Como é possível?»

Era verdade!

E esta dor e estas lágrimas, este choro da criança e da mamã, este choro do soldado e do papá, este choro é o choro de um Povo. Que ama o seu Presidente.

